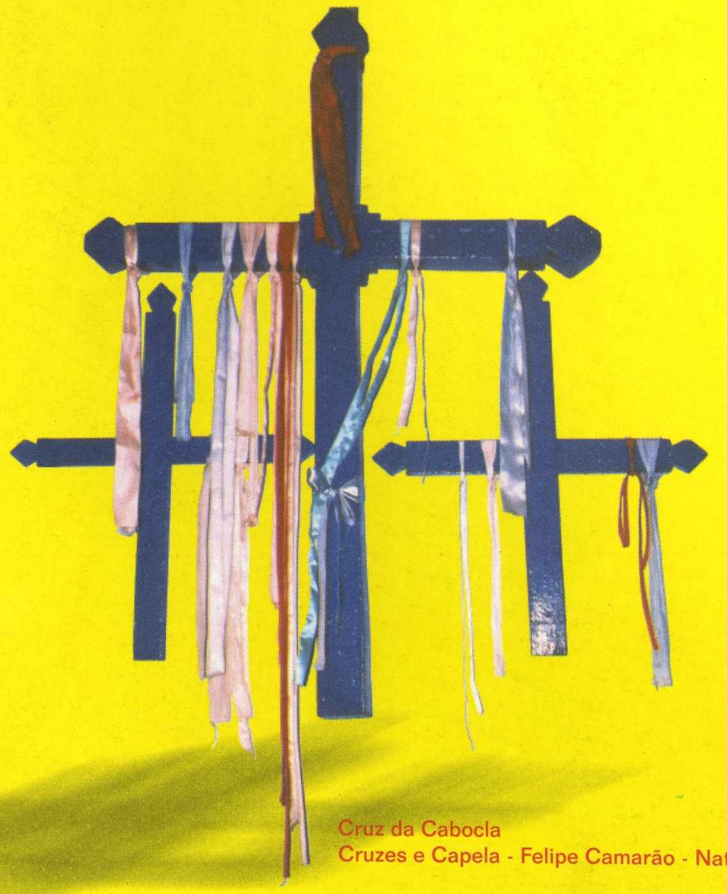
Nº 22
VOLUME 02
Abril
2003

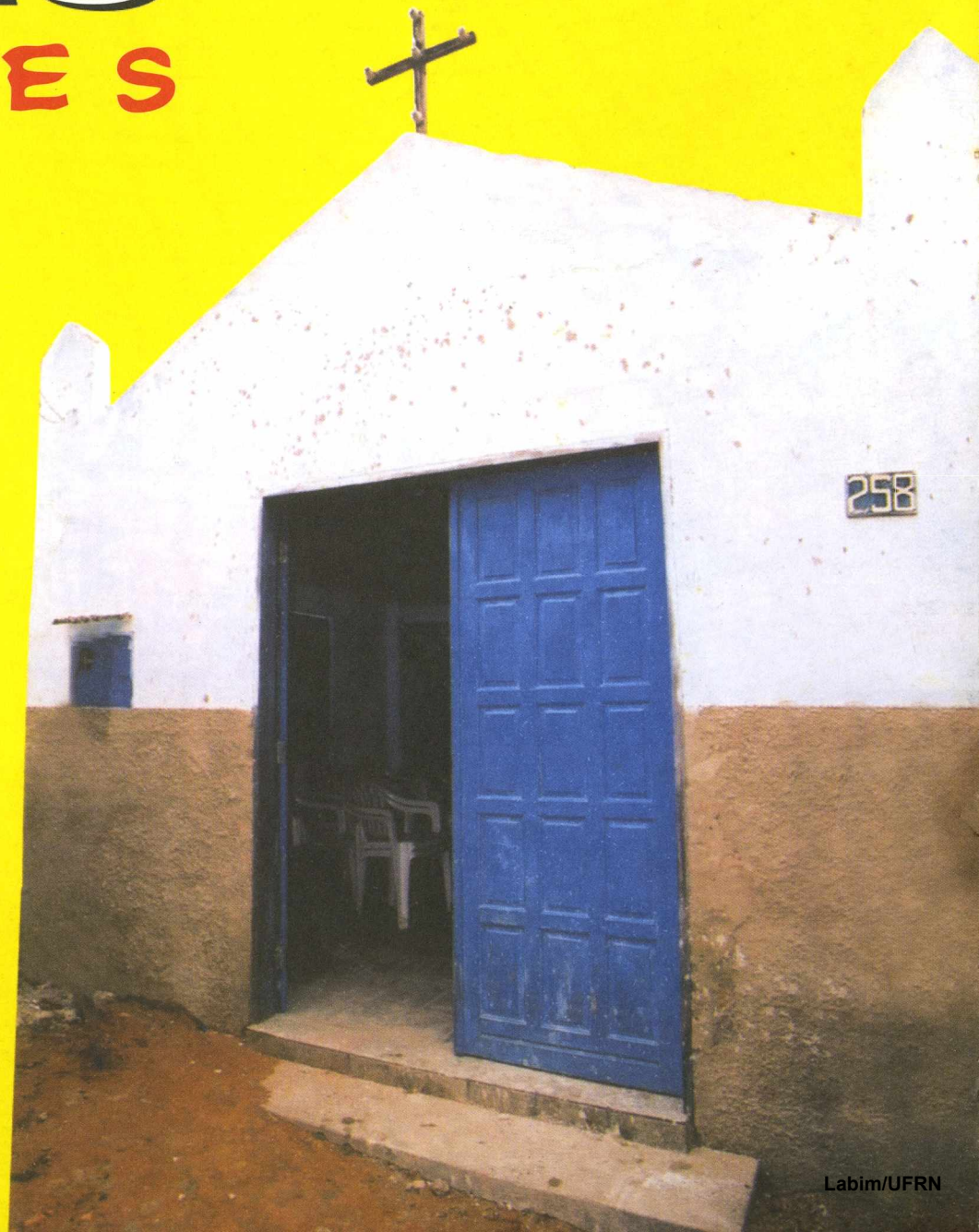
Galante

Scriptorin Candinha Bezerra
FUNDAÇÃO HÉLIO GALVÃO

LENDAS POTIGUARES



Cruz da Cabocla
Cruzes e Capela - Felipe Camarão - Natal/RN



Labim/UFRN

As lendas e os mitos desde os tempos mais remotos sempre fizeram parte da vida dos homens. Esses termos presentes no cotidiano têm a sua importância porque surgem associados às estórias ligadas à cultura do povo.

De tão comuns vão se tornando incorporadas na medida em que são contadas e recontadas por gerações sucessivas. Não é incomum serem relacionadas ao encantamento, ao medo. "E a existência do medo está ligada à própria história do homem" (Souza Filho, 1995).

Às vezes costuma-se denominar "mito e lenda" como sinônimos, mas Gumercindo Saraiva *apud* Cascudo (1994:09) os distingue:

Lenda é episódio heróico ou sentimental como elemento maravilhoso ou sobre-humano, transmitido ou conservado na tradição oral popular, localizável no espaço e no tempo...(.)

Mito é um sistema de lendas, gravitando ao redor de um tema central, com área geográfica mais ampla e sem exigência de fixação no tempo e espaço.

Considerando as particularidades conceituais sabemos que, no Brasil e no Nordeste, esses gêneros de Literatura Oral são bastantes difundidos. Não é por acaso a insistência metafórica do pesquisador em observar sua etiologia: *nascem as lendas como do solo nascem as plantas e do mar brotam as águas e dos peixes dos rios, as douradas escamas dos brejos, os escuros cabojes e dos atoleiros*. Evidencia-se o entendimento da lenda e o mito como elementos integrantes da tradição popular.

Em todas as regiões brasileiras, possuidoras de formação cultural multifacetada, surgem invenções ousadas e criativas. Essas estórias projetadas pelo imaginário humano vão se espalhando gradativamente, através da oralidade e se sedimentam em lendas.

Assim, podemos perceber o Nordeste destacado nesse contexto. Natal, por exemplo, uma cidade profusa "de anedotários" *tem no seu universo social uma grande quantidade de lendas*. Muitas delas advindas de tempos remotos. Porém, pondera mais uma vez Saraiva: *A cada momento nasce uma mentira, uma impostura, uma invenção popular...*

Existem inúmeras lendas em território potiguar, documentadas ou não. Na cidade de Lajes tem uma sobre a *Serra do Feiticeiro*. Em Santo Antônio, uma outra de um certo *Salto da Onça* sobre uma pedra, dando origem ao nome da cidade. Em Caicó, uma sobre a da *Prece do Vaqueiro*. Em Cruzeta, a do *Penitente Misterioso*. Em Tibau do Sul a *Lenda das Guaraíras, do Haja-pau, do Bicho Berrador, do Morro Sem Pescoço* fixadas por Helio Galvão. Mas, a mais conhecida talvez seja a do *Carreiro da Lagoa de Extremoz*, versada ainda como o Carro Caído, o Carreiro Feiticeiro ou o Canto do Sino.

"Diz a lenda do carreiro que, na antiga aldeia desta cidade, havia uma igreja que era a mais bela da capitania, mas faltava o sino que era o sonho da população. Um dia, correu a notícia. O sino já tinha chegado, mas se encontrava em Natal. Para transportá-lo, contrataram um velho carreiro que trabalhava num carro-de-boi. A viagem foi longa e cansativa. Retornando da Cidade de

Casa da Viuva Machado - Na

Labim/UFRN

Natal era uma bonita noite enluarada. Já perto da lagoa, o carreiro cansado adormeceu. Os bois desgovernados desviaram-se da estrada e disparados foram cair na lagoa. O peso do sino arrastou-os ao fundo das águas. Nunca mais foi visto o carreiro. Entretanto, dizem que, em noites de lua, quem passa perto da lagoa ainda escuta a sua voz" (SEC/RN, 1982).

Essas narrativas paulatinamente vão se estruturando um precioso acervo oral. A lenda da *Cruz da Cabocla* no bairro de Felipe Camarão, em Natal conta que:

"Os moradores do bairro de Felipe Camarão pelos idos de 1800, quando só existia mato, "mato brabo mesmo, mato de índio", andava por aquelas paragens uma família de índios à procura do que comer. Dizem que se perderam do resto da tribo. Conta-se ainda que a índia, de nome Luzia, trazia em seus braços duas crianças. Cansada da busca vã, não agüentou a caminhada e resolveu permanecer sob a acolhedora sombra de uma mangabeira, enquanto "seu esposo" continuava a procura. Ao voltar da busca

Lagoa de Extremoz - Extremoz/RN

Lagoa Guaraíras - Tibau do Sul/RN

Morro Sem Pescoço - Cacimbinhas - Tibau do Sul/RN

Pernambuquinho - Tibau do Sul/RN

inútil, uma surpresa má o aguardava: encontrou mortos sua mulher e os filhos, que numa última tentativa de sobrevivência sugaram os peitos secos da mãe. No local da tragédia foram fincadas três cruzes em memória dos falecidos. Muitos anos depois, não se sabe ao certo em que ano, passava pelo mesmo local, a caminho do Alecrim, bairro onde morava, uma outra família: mulher, marido e filhos. Um dos filhos deste casal estava com um "problema" em uma das pernas. Ao ver as três cruzes, a mãe resolveu apelar pelo seu filho. Na expectativa de vê-lo curado, prometeu à Índia Luzia – que como mãe saberia entender sua aflição – a construção de uma capela de devoção a Santa Luzia, para que nela fossem abrigadas para sempre as três cruzes. A fé desta mãe na ajuda da índia santa foi tanta que seu filho se curou. A capelinha foi construída com muito esforço, pois a família não dispunha de muitos recursos. Todos os anos naquela mesma data em que foi feita a promessa, a família se reunia no interior da capelinha para agradecer a graça alcançada (Cavalcante & Lima, 1995).

Entre as diversas lendas, plasma na Cidade de Natal, nos meados do século XX uma figura feminina espalhando o espanto: a *Viúva Machado*. Muitos mistérios foram criados em torno dessa personagem. Pela postura de mulher independente economicamente, fincada numa elite conservadora dominada pelos homens, sua ousadia custou-lhe alto preço. Portadora de

Galante
Scriptorim Candinha Bezerra
FUNDAÇÃO HÉLIO GALVÃO
Fone: (84) 211-8241/fax: 211-8790
www.proj-nacaopotiguar.com.br

Direção Artística e de Pesquisa
Dácio Galvão

Fotografias
Candinha Bezerra

Colaborador
João Batista Cortez
Professor do Depto. de Educação - UFRN

Programação visual
CO2 COMUNICAÇÃO

uma enfermidade denominada elefantíase, morféia, uma espécie de lepra provocadora do crescimento de suas orelhas. A tradição oral não perdoou. Fora inventada a macabra lenda da necessidade que a Viúva Machado tinha, de comer fígado de crianças. A Viúva Machado era associada ao arquétipo do "Papa-figo". Há quem identifique no plano sociológico a oralidade e o imaginário atrelados neste caso, às classes dominadas, desconstruindo uma personalidade expressiva provavelmente por não perdoar suas antecipações feministas. O reacionarismo classista buscava reverter o destaque da marcante personalidade feminina, por pertencer provavelmente à classe que a oprimia, maculando-a por uma antropofagia excêntrica e abominável: deglutir fígados de crianças inocentes. Tal fenômeno encontra eco e ressonância nas idéias de Gilberto Freyre (1987) – *Assombrações do Recife Velho* - mostrando a possibilidade do detentor de riqueza e opulência em

Vaqueiro - Caicó/RN

alvo de anedotário da população de baixa renda. Com tantas versões sobre a sua vida, outros segmentos da sociedade afirmam que a mesma era austera, decidida e caridosa.

Esses relatos de pessoas do seu mesmo grupo social produziram outras histórias baseadas em uma outra forma de ver a Viúva Machado.

Fica-nos, portanto, a certeza de que a Dona Amélia por ter vivido em um período predominantemente comercial, onde o monopólio exclusivo dos homens era visível, destoava desse contexto sócio-econômico-cultural. Rompia uma tradição onde os valores femininos eram socialmente inferiores aos masculinos. Falar da Viúva Machado é tentar reconstruir a vida de uma mulher sem a qual não se pode contar humanamente a história da Cidade de Natal.

Falar dos mitos e, principalmente, das lendas por serem mais comuns independentemente do espaço geográfico onde foram geradas, é viajar no plano do imaginário e numa investigativa apreensão etnológica. Muitas delas encheram de espanto os olhos de seus interlocutores.

Esse "ser", fruto da imaginação, atravessou fronteiras, invadiu territórios. São informes, muitas vezes, sem confirmação do real.

Sua compreensão necessita buscar na própria narrativa a fonte. Isto porque, quando se deseja estudar antropologicamente lendas e mitologias é preciso penetrar na fabulação para identificar elemento(s) existenciado(s).

Hoje, mesmo vivendo uma realidade em que os meios de comunicação são massificantes, as lendas continuam resistindo na memória dos povos.

Essas perpetuações constituem-se formas de revisitar um passado não invalidando inventividades lendárias e mitológicas presentes e futuras.

Quem não vivenciou estórias misteriosas? Quem não teve medo, quando criança, de ser pego por figuras míticas? Quantas vezes ouvimos casos irreais virarem verdades nas nossas mentes?

A escola tornava-se o lugar ideal para reproduzirmos esse repertório de ilusão que, aos poucos, se cristalizava na subjetividade de cada indivíduo.

Hoje, revivendo o ontem, mesmo num mundo diferente, em face dos avanços da modernidade, essa força extraída do imaginário popular enriquece cada vez mais a cultura, dando-lhe contornos peculiares, de acordo com o espaço e o tempo em que se manifesta.

PROJETO NAÇÃO Potiguar

UnP UNIVERSIDADE POTIGUAR
www.unp.br
Nossa cultura, nosso saber.